

nários: 2 Menores (o diocesano com 39 seminaristas e o basiliano com 107) e 2 Maiores (o diocesano com 8 e o basiliano com 18 seminaristas).

O Clero diocesano conta com 16 sacerdotes e a Ordem de São Basílio Magno com 52. Esta Igreja está aberta à Missão, tendo enviado sacerdotes para o exterior: Ucrânia (5), Casaquistão (1), Alemanha (1), Inglaterra (2), Canadá (1), Estados Unidos (2), Argentina (1). Em Roma se encontram 8. O maior número de padres e seminaristas religiosos se deve ao fato de no Brasil o Rito Ucraino prever o celibato, ao contrário da terra de origem, onde os padres diocesanos são casados, logicamente supondo o celibato para os religiosos. Assim, a vocação religiosa atrai mais os jovens, pela possibilidade da vida comunitária.

A vida religiosa feminina inclui 5 Congregações, ricas em vocações e também abertas à Missão: 1) Irmãs Servas de Maria Imaculada com 360 religiosas no Brasil, 16 na Argentina, 6 na Alemanha, 7 em Roma e 5 na Ucrânia. 2) Irmãs de Sant'Ana com 58 religiosas no Brasil, 5 em Roma, 4 na Ucrânia e 3 nos Estados Unidos. 3) Irmãs de São Basílio Magno, com 15 religiosas. 4) Irmãs de São José, com 14 religiosas no Brasil e 7 no Canadá. 5) Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, que possui 62 religiosas.

É todo um pulsar religioso que mistura em nossa terra a riqueza oriental e a latina, da Liturgia, da catequese, da pastoral, da vida quotidiana. Celebrando seu Centenário fazem-nos lembrar a epopéia das

migrações que povoaram Santa Catarina e fizeram seu progresso. E o heroísmo dos que permaneceram fiéis à fé católica na perseguição política, religiosa e, por que não?, na incompreensão inicial católica latina.

NOTAS

¹ BURKO, Valdomiro OSBM - *A Imigração Ucraina na Brasil*, Curitiba, 1963, 95 páginas. Livro de leitura interessante e útil.

² A maioria das informações foi dada gentilmente pelo Eparca Dom Efraim Basílio Krevey OSBM, em correspondência de 1982 e em telefonema recente.

³ A pesquisa sobre os sacerdotes ucranianos nos Arquivos diocesanos se torna complicada pois estes, para facilitar o serviço das Cúrias, passam a grafar os sobrenomes pela pronúncia. Exemplos: Clemente Bjuhovskey se grafou Clemente Buchowski, João Volhankey = João Wolianskey, Silvestre Kizema = Silvestre Kizyma. Em nossa obra, inédita, *O CLERO CATARINENSE*, optamos pela grafia original, utilizada neste artigo.

Endereço do Autor:

*Catedral Metropolitana - Casa Paroquial
rua Arcipreste Paiva, 70
88010-530 FLORIANÓPOLIS, SC*

Igreja em Santa Catarina

A Igreja na região da Grande Palmas

(Um esboço provisório, com destaque para a Diocese de Chapecó)

*Pe. Adayr M. Tedesco
Diocese de Chapecó*

I.- INTRODUÇÃO

Contextualização Socio-Político-Econômica

Antes de entrarmos na história propriamente dita da Igreja do Sudoeste do Paraná e Oeste Catarinense, é necessário pelo menos acenar para uma contextualização global, embora resumida, do processo histórico da formação sócio-econômico-política dessa grande região que era parte

do Contestado entre Santa Catarina e Paraná e depois pertenceu à Prelazia de Palmas.

Uma primeira parte dessa história compreende os anos anteriores a 1850, em que os indígenas foram os protagonistas. É o tempo das REDUÇÕES JESUÍTICAS. Os brancos apenas fizeram uma que outra incursão esporádica pela região, principalmente a partir do Tratado de Madrid (1777). A UNOESC tem trabalhado e provocado debates sobre o assunto, principalmente com seus "Cadernos do CEOM"

(Centro de Organização da Memória Sócio-cultural do Oeste de Santa Catarina)¹.

Uma segunda parte desta história começa em meados do século passado (daí a importância da "Lei de Terras" de 1850) com a chegada definitiva do branco à região, marcada, segundo Sílvio Coelho dos Santos, por três frentes de expansão, a pastoril, a extrativa e a agrícola². Infelizmente, a bibliografia que existe sobre o assunto é ainda muito reduzida e a maior parte dela se ressentida de uma visão positivista, funcionalista e linear da História³. Quem trabalha bem esta questão a partir da chegada do branco ao grande Oeste, caracterizando-a em três categorias, a da expropriação, a da exploração e a da subordinação, é o Professor Pedro Uczai, do Departamento de Estudos Sociais da UNOESC, embora ainda nada tenha deixado por escrito⁴.

É indubitável que devamos nos apropriar desses dados da história geral para podermos entender a história religiosa de toda essa região.

II. DA REGIÃO DA GRANDE PALMAS À DIOCESE DE CHAPECÓ

Dos Primórdios Até 1968.

Uma observação inicial nos leva a considerar que, embora o objetivo principal deste trabalho nos ligue mais à História da Igreja no Oeste Catarinense, não podemos absolutamente prescindir da História da Igreja da Grande Palmas, ou seja, da Prelazia de Palmas, à qual estivemos ligados e de quem recebemos a organização eclesiástica até o ano de 1958, ano em que a Santa Sé transformou essa antiga Prelazia de Palmas em duas novas Dioceses, uma no Sudoeste do Paraná e a outra no Oeste de Santa Catarina.

Uma segunda observação é relativa à periodização. Não queremos absolutizá-la, mas teremos que estabelecer certos cortes importantes no tempo para podermos entender melhor um período tão longo e marcado por mudanças tão grandes na Igreja. Para o período que vai dos primórdios até 1958, seguiremos a

"Esse período de um século de duração foi o período do predomínio do Catolicismo Popular caboclo"

hipótese de periodização de Paulo Fernando Diel, com um destaque maior para os aspectos referentes a

Santa Catarina⁵. Esse autor estabelece nesse período três divisões ou sub-períodos, aos quais no presente trabalho acrescentamos um quarto, relativo ao decênio 1958/1968, com a história já autônoma da Diocese de Chapecó, decênio esse que consolida as estruturas da nova Diocese.

Encerramos assim esta primeira parte do esboço de História da Igreja do Grande Oeste (Paraná e Santa Catarina) em 1968, porque entendemos que, até 1968, ano da Conferência de Medellín, ainda permanecíamos no modelo romanizado de Igreja, anterior ao Concílio Ecumênico Vaticano II, apesar de o Concílio já ter sido realizado e apesar de uma ou outra novidade do Concílio ter sido introduzida por aqui (como foi o caso da liturgia em vernáculo).

Primeiro Sub-Período (1838-1933):

(Da chegada dos conquistadores a Palmas, vindos de Guarapuava, 1838, até o ano da criação da Prelazia de Palmas, entregue aos Franciscanos da Província da Imaculada Conceição de São Paulo, 1933).

Neste sub-período são destaques eclesiásticos:

- 1855, a criação, pelo Segundo Império, da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Campos de Palmas (uma extensão de 50.000 quilômetros quadrados), ligada à Diocese de São Paulo; sua circunscrição abrangia também todo o Oeste de Santa Catarina (antigo Grande Chapecó).

- 1892 (27/04), criação da Diocese de Curitiba, desmembrada de São Paulo, a quem passou a pertencer toda a região da Grande Palmas.

- 1894, a vinda dos Frades Franciscanos ao Sul (região de Lages).

- 1903, a vinda dos Frades Franciscanos a Palmas, a quem foi entregue a Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Campos de Palmas, pelo primeiro Bispo de Curitiba, D. José de Camargo Barros.

- 1908 (19/03), criação da Diocese de Florianópolis, desmembrada de Curitiba; à sua jurisdição passou a pertencer, depois da conclusão da Guerra do Contestado, toda a região oeste do Grande Chapecó (SC).

- 1926 (10/05), criação da Diocese de Ponta Grossa, desmembrada de Curitiba; a essa jurisdição eclesiástica passou a pertencer a região paranaense da Grande Palmas.

- 1927 (17/01), criação da Diocese de Lages, desmembrada de Florianópolis, a quem passou a pertencer a região do Grande Chapecó.

- 1933 (09/12), finalmente, a criação da Prelazia de Palmas, desmembrada da Diocese de Ponta Grossa (Paraná) e de Lages (Santa Catarina), integrando novamente na sua jurisdição a região da anti-

ga Grande Palmas (Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná).

Esse período de um século de duração foi o período do predomínio do Catolicismo Popular Caboclo. Trata-se de um desdobramento da Religião Popular que, na História do Brasil, trilhou caminhos próprios, resultantes do Padroado Régio, às vezes diferentes, às vezes entrecruzados com a Religião Católica oficial. Nosso Cristianismo Católico oestino tem fortes marcas do misticismo dos Monges da Guerra do Contestado⁶. A presença deste catolicismo é praticamente total até a vinda dos Franciscanos a Palmas(1903). A partir desta data, os Franciscanos começam a esboçar uma reforma, nos moldes do Catolicismo Romanizado, introduzindo as novas devoções de origem européia e as práticas do sacramentalismo. Mas, somente a partir do fim do período, com a criação da Paróquia de São Pedro Canísio de Itapiranga (09/12/1926) e das Paróquias de São Carlos Borromeu de São Carlos (02/04/1931) e Santo Antônio de Chapecó (13/06/1931) é que começou a se esboçar um início de Catolicismo Romanizado na região⁷.

As Paróquias de Itapiranga e São Carlos foram entregues aos Padres da Sagrada Família (só depois os Jesuítas assumiram Itapiranga, em 1931); a Paróquia Santo Antônio de Chapecó foi entregue aos Frades Franciscanos. Para as Paróquias de Itapiranga e São Carlos vieram também, respectivamente, as Congregações femininas das Irmãs da Divina Providência (01/1938) e as Irmãs de Nossa Senhora ("Notre Dame"), aos 26/05/1938. Tanto elas, quanto os padres acima citados, todos eram alemães ou de origem alemã.

É neste período, aliás, que se dá a lenta penetração e expansão da colonização na região da Grande Palmas, num primeiro momento, através da frente pastoril, oriunda do norte, abrindo o famoso "Caminho das tropas" que ligava a Província de São Paulo à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, via Guarapuava, Palmas, Rincão Torcido, Abelardo Luz, Xanxerê, Xaxim, Chapecó (Passo dos Índios), Passo Bormann (então Passo do Carneiro), Goio-En, Nonoi⁸; num segundo momento, através da frente extrativa (erva mate e madeiras)⁹; e, finalmente, num terceiro momento, através da frente agrícola, que, a partir de 1916, com o fim da Guerra do Contestado e a fixação dos limites entre Santa Catarina e Paraná, permitiu o início da colonização por colonos da segunda migração, vindos das "colônias velhas" do Rio Grande do Sul.

Essa terceira frente, a agrícola, caracteriza-se pela expropriação das terras dos índios e dos caboclos e pelo transplante do catolicismo romanizado na região, centralizado nas paróquias tradicionais, com sua rede de capelas, e pelo domínio do clero.

Os índios kaingang e guarani foram os grandes marginalizados nesse processo histórico, ficando confinados em áreas indígenas ("Posto Xapecó" nos municípios de Xanxerê/Xaxim e Posto Mangueirinha em Palmas, Paraná) ou dispersos em outras áreas que as Colonizadoras lhes tomaram e que mais tarde viriam a reivindicar: casos do Toldo Chimbanguê, da Paróquia Santo Antônio de Chapecó, dos anos 80 e, atualmente, do Toldo do Pinhal, Paróquia São Daniel de Seara.

Segundo Sub-Período:

(De 1933, ano da criação da Prelazia de Palmas, a 1950, ano da Implantação da Reforma Católica na Prelazia).

Neste sub-período são destaques eclesiais:

- 1936 (12/12), tomada de posse de D.Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Mello como Prelado de Palmas.

- 1938, criação do Colégio Diocesano e do Seminário Diocesano na cidade de Palmas (exigências da Igreja ao criar nova circunscrição eclesial).

- A criação de várias paróquias, passando os bens da salvação a ser veiculados por elas e suas capelas, sob o controle do Pároco.

Na parte catarinense de jurisdição da Prelazia foram criadas nesse tempo duas paróquias: a de São Luiz Gonzaga de Xaxim (21/11/1940), entregue aos Frades Franciscanos, e a Paróquia de São Pedro Apóstolo de Vargeão (06/01/1948), entregue ao Clero secular. Foi apenas no ano de 1940 que a Paróquia Santo Antônio de Chapecó passou a ter Sede Paroquial e um Frade Franciscano como Pároco residente, sendo que antes o Pároco era o mesmo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Campos de Palmas. As Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora vieram depois para Chapecó, em inícios de 1941 e para Xaxim em 1943. Para a paróquia de Vargeão, veio uma Congregação de Irmãs de origem francesa¹⁰.

Para se ter uma idéia, a população das paróquias de Itapiranga, São Carlos, Chapecó e Xaxim, em 1943, era de 45.000 "almas", distribuídas em quatro "matrizes", 55 capelas e 82 "pousos" de missão¹¹.

Na parte catarinense que se ligava à jurisdição da Diocese de Lages, hoje pertencente a Chapecó,

"Alguns fatos eclesiais que aguçaram a crise no âmbito interno da Igreja"

nesse período, foram criadas por D. Daniel Hostin as paróquias de São Pedro Apóstolo de Itá (28/03/1939), São Daniel de Seara (17/07/1944) e Sagrada Família de Ipirimir (13/06/1949).

- 1948 (09/02), final deste sub-período, destaque para a sagração episcopal do Prelado de Palmas, D. Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Mello, em Petrópolis, fato de repercussão no sub-período seguinte.

A partir destes destaques pode-se depreender que, aos poucos, na região da Grande Palmas, o catolicismo da Romanização passa a marginalizar o catolicismo popular caboclo, principalmente com a criação de paróquias para atender aos imigrantes "de origem"¹².

Aumentam neste período as devoções aos Santos da Reforma Católica: a dedicação do mês de março à devoção a São José, do mês de maio a Nossa Senhora, de junho ao Sagrado Coração de Jesus; na festa da Imaculada Conceição (08/12) comemora-se o dia das Filhas de Maria; em 1943 cria-se a Congregação Mariana. Tudo isso vai relegando para o culto doméstico as devoções populares caboclas e cresce a pomposidade do catolicismo romanizado.

Terceiro Sub-Período:

(Da nova conjuntura eclesiástica na Grande Palmas, 1950, até 1958, ano da criação das Duas Dioceses, Palmas e Chapecó).

Alguns destaques eclesiásticos do período:

- 1950 (01/01), solene entronização, na Prelazia de Palmas, de Nossa Senhora do Rocio, Padroeira do Paraná.

- 1950 (04/01), Jubileu de Prata sacerdotal do Bispo Prelado D. Carlos Eduardo de Sabóia Bandeira de Mello.

- 1950 (04/10), queima da Igreja Matriz de Chapecó.

- 1951, janeiro, chegada de Frei João Vianey Erdrich OFM como Pároco (Vigário) da Paróquia Santo Antônio de Chapecó.

- 1956 (08/12), inauguração da nova igreja matriz de Chapecó, futura Catedral.

- Criação, nesse sub-período, de 11 novas paróquias na região catarinense da Prelazia: São Miguel, de São Miguel do Oeste (30/04/1950), entregue ao clero secular; São João Batista de Fachinal dos Guedes (24/06/1951), entregue ao clero secular; São Lourenço, de São Lourenço do Oeste (27/04/1952), entregue aos Frades Capuchinhos da Província de Curitiba; São João Berkman, de São João, Itapiranga, (11/05/1952), entregue aos Padres Jesuítas; Santo Estanislau, de Descanso (06/08/1952), entregue aos

Padres do Sagrado Coração (belgas); Sagrada Família, de Saudades ((18/01/1953), entregue aos Padres da Sagrada Família; São Judas Tadeu, de Palmitos (15/08/1955), entregue aos Padres da Sagrada Família; Divino Espírito Santo, de Dionísio Cerqueira (28/08/1955), entregue aos Padres Redentoristas; São José do Patrocínio, de Coronel Freitas (29/04/1956), entregue aos Frades Franciscanos; São Jerônimo, de Caxambu do Sul (02/07/1956), entregue ao clero secular; Nossa Senhora dos Navegantes de Mondai (31/01/1958), entregue ao clero secular (São José do Cedro e Xanxerê continuaram como curatos).

Este período de oito anos de história da Prelazia de Palmas é assim caracterizado por Paulo Fernando Diel: "A essa etapa convencionamos chamar de Neo-cristandade populista. São os oito anos da consolidação das relações capitalistas de produção, com acentuado grau de estratificação social. O desenvolvimento político e econômico da região começa a comportar a idéia de duas dioceses, o que será a tônica desses oito anos de história. Nesses oito anos foram criadas 14 paróquias (11 das quais em território catarinense), conseguindo uma expansão religiosa muito grande e as condições para a criação da Diocese. O ano de 1950 marca, para a Igreja Palmense, um ano de ruptura e ao mesmo tempo de reafirmação da Igreja que vinha atravessando, já há alguns anos seguidos, uma grave crise interna"¹³.

Para explicar o que chamou de ruptura, P.F. Diel cita alguns fatos econômicos que provocaram crise na região, inclusive na Igreja, paralisando a construção de "matrizes" e capelas (gafanhotos, seca, geadas, pestes no rebanho suíno). Cita também alguns fatos eclesiásticos que aguçaram a crise no âmbito interno da Igreja (intrigas entre o Bispo Prelado e o clero secular, desgostoso com a entrega de paróquias "ricas" a religiosos; conflitos entre o Bispo Prelado e a Ordem Franciscana; fechamento do Seminário Diocesano aos 12/02/1950, por falta de clero). E finalmente cita o famoso caso do incêndio da igreja matriz de Chapecó, na noite de 04 para 05 de outubro de 1950, do qual resultou dias depois o linchamento de quatro presos, suspeitos desse crime, ar-

rancados da delegacia local e queimados em praça pública por cerca de aproximadamente 200 pessoas¹⁴. As atas do processo-crime demonstram que houve, no caso, envolvimento da Igreja Local (os sermões do Vigário, empréstimo do salão paroquial na noite do linchamento...), aumentando assim a crise na Igreja Palmense¹⁵.

Para explicar a reafirmação da Igreja Palmense e sua superação da crise nesse período de 1950 a 1958, coloca esse autor o carisma do Bispo Prelado D. Carlos, que soube restabelecer o prestígio da Igreja

ao redor de dois eventos importantes: a entronização solene, na Prelazia de Palmas, de Nossa Senhora do Rocio, Padroeira do Paraná (01/01/1950): ela fora trazida ao Paraná pelos antigos colonizadores da região e a celebração solene do Jubileu de Prata sacerdotal de D.Carlos (04/01/1950). Esses dois eventos tiveram características evidentes da "Teologia da Realeza", própria daquele período da Igreja brasileira, que vai dos anos 30 até o fim da segunda Guerra Mundial: uma clara aliança com autoridades civis, militares, eclesiásticas e econômicas da região, junto com manifestações populares de impacto. Ganha com isso D.Carlos afirmação, credibilidade e força política, que o constituem grande Pai Espiritual da Prelazia¹⁶.

Na parte catarinense de Palmas, em termos políticos, começa nesse sub-período o início do desmembramento do Grande Chapecó em novos municípios: primeiro desmembramento em 1953, depois 1958 e assim por diante¹⁷.

De sua parte, a Igreja de Palmas também cria nesse período várias novas paróquias, como vimos nos destaques eclesiásticos acima citados. Às vezes, pelo modelo de Igreja existente, há mútua conaturalidade entre a criação do município e a respectiva paróquia. Assim, conforme o Anuário Católico da CNBB, temos, no ano de 1957, na parte catarinense da Prelazia (Oeste Catarinense) 17 "matrizes" com 248 capelas¹⁸. Depois, no final desse sub-período haveria ainda a criação da Paróquia de Mondai (31/01/1958). Temos neste período a vinda, para a parte catarinense da Prelazia, dos Padres Capuchinhos e dos Padres Missionários do Sagrado Coração de Jesus (belgas), bem como das Irmãs Vicentinas e as de São José de Chamberry.

Por esses tempos, a vida cristã girava ao redor da prática sacramental, das festas do Padroeiro, da construção de igrejas, matrizes e capelas. Destaque especial merece, neste sentido, a Paróquia Santo Antônio de Chapecó. Em janeiro de 1951, após a famosa queima da igreja matriz, vem o novo Vigário, Frei João Vianey Erdrich, com a clara missão, sem sombra de dúvidas apoiada pelas classes dirigentes, de resgatar a fama de Chapecó e recompor sua imagem de Igreja. Com raro dinamismo, consegue motivar e

reunir o povo da paróquia (abrangia ainda a mesma toda a região de Caxambu do Sul, Coronel Freitas e Quilombo) no grandioso projeto da construção do novo templo, que seria a futura catedral. Através de grandiosas festas populares (em termos de arrecadação financeira), atra-

"Esse trabalho com as vocações, para a época, era considerado avançado"

vés de grandes mutirões, a igreja é construída num tempo "record" de pouco mais de cinco anos, sem nenhuma ajuda de fora. Aproveitando o embalo do povo pela notícia de que Chapecó seria Diocese (a primeira notícia da criação da Diocese chegou aos 25/01/1957), o dinâmico Vigário construiu ainda a Casa Paroquial, a futura Residência Episcopal e um ginásio para os Irmãos Maristas, este último, sim, com a ajuda financeira do Estado.

Portanto, como na parte paranaense, o modelo de Igreja aqui era o da romanização (com suas devoções peculiares e associações piedosas) dentro do padrão da "Neo-cristandade populista", isto é, uma Igreja com consciência de sociedade perfeita, preocupada com a conversão de todos e com a ortodoxia da fé, não ecumênica, sacramentalista; centrada na figura tradicional do Pároco, considerado como "autoridade" local junto com as autoridades civis e militares; uma Igreja separada oficialmente do Estado, mas aliada a ele no projeto de desenvolvimento. Dentro deste esquema de neo-cristandade, portanto, a Igreja identificava-se mais com a hierarquia do que com o povo, estava sempre do lado das autoridades, dos dirigentes locais, dos mais importantes do lugar e, no que se refere aos colonos, com aqueles mais bem assentados, que a pudessem ajudar em seus empreendimentos.

Não havia absolutamente nada, aqui na parte catarinense, em relação ao índio já marginalizado e reduzido, a quem se chamava pejorativamente de "bugre". Da mesma forma, nada havia de especial com relação aos caboclos. Nas comunidades católicas, ou eles se integravam aos habitantes italo-germânicos, acabando por assumir a cultura destes últimos, ou eram simplesmente também eles marginalizados, quando não taxados de preguiçosos.

Quanto aos pobres existentes, na sua maioria absoluta também caboclos, a solução era o assistencialismo, como se pode depreender do seguinte caso referente a uma periferia de Chapecó: "Para enfrentar a miséria e a indigência, fundou Frei João a Pia União de Santo Antônio. No inverno realizou-se a grande distribuição de cobertores. Está agora em preparação o Natal dos pobres. A um quilômetro da Matriz, no bairro dos pobres, onde residem cerca de 200 famílias, esta sendo levantado o Centro Catequético Santa Maria Goretti, isto é, um salão onde será administrado catecismo e futuramente distribuídos gêneros alimentícios aos indigentes"¹⁹. Era o apostolado da época. Não havia outra consciência possível.

Quarto Sub-Período:

(Da criação da Diocese de Chapecó até Medellín, 1958-1968)

É o tempo da criação, instalação e organização da Diocese em suas bases institucionais e materiais. Acontecem os primeiros reflexos da realização do

Concílio Vaticano II, mas o modelo de Igreja continua o de Neo-cristandade. Por isso, em nossa hipótese de periodização, estendemos até 1968 esta primeira parte da História da Igreja na região da Grande Palmas.

Alguns destaques eclesiológicos do período:

- 1958 (14/01), criação oficial dos Bispados de Palmas e Chapecó.
- 1959 (21/02), nomeação do primeiro Bispo de Chapecó, D. José Thurler.
- 1959 (26/04), instalação da Diocese e tomada de posse do novo Bispo.
- 1962 (07/09), tomada de posse do segundo Bispo, D. Wilson Laus Schmidt.
- Novas paróquias deste período: Nossa Senhora do Rosário de Xavantina (05/12/1959), entregue ao clero secular; São Domingos de Caibi (13/12/1959), entregue aos padres da Sagrada Família; Senhor Bom Jesus de Xanxerê (18/12/1959), entregue primeiro ao clero religioso, depois secular; Santa Lúcia de Anchieta (15/03/1962), entregue aos padres da Sagrada Família; São José do Patrocínio de São José do Cedro (16/03/1962), entregue ao clero secular; Nossa Senhora de Fátima de Guaraciaba ((19/03/1962), entregue ao clero secular; Santa Inês de Quilombo (25/03/1963), entregue ao clero secular; São Sebastião de Abelardo Luz (15/08/1963), entregue primeiro ao clero religioso, depois secular; São José Operário de Maravilha (13/06/1965), entregue aos padres da Sagrada Família; e Sagrado Coração de Jesus de Campo Erê ((01/01/1967), entregue primeiro aos religiosos combonianos, depois ao clero secular.

O primeiro Bispo Diocesano, Dom José Thurler (1959-1962), teve muitas dificuldades de adaptação ao clima e à cultura de nosso Oeste. Suas preocupações pastorais foram na linha vocacional, seguindo as orientações da Nunciatura Apostólica: fundação da OVS (Obra das Vocações Sacerdotais) em todas as comunidades da Diocese, para incentivo das vocações sacerdotais e religiosas (para isso, D. José Thurler trouxe à nossa Diocese um Instituto Secular chamado IAVS - Irmãs Auxiliares das Vocações Sacerdotais); a aquisição da Granja São José, para a manutenção da Diocese; a instalação do Seminário Menor em Lindóia (município de Concórdia, hoje Lindóia do Sul), onde funcionou provisoriamente de janeiro de 1961 a 15/02/1963; grandes campanhas materiais para a construção do novo Seminário Menor Diocesano, que começou a funcionar em Chapecó a partir de 1963.

O segundo Bispo Diocesano, Dom Wilson Laus Schmidt (1962-1968), participou de todas as sessões do Vaticano II. Em relação à renovação conciliar, D. Wilson preocupou-se mais com a renovação litúrgica (missas em vernáculo com a presença

de comentaristas e a introdução de aparelhos de rádio nas capelas para a escuta da homilia dominical do Bispo). Fez também algum trabalho especial e pessoal com as Religiosas da Diocese, na linha da "Perfectae Caritatis".

A prioridade pastoral continuou sendo a Pastoral Vocacional. D. Wilson fundou o **Secretariado Diocesano das Vocações Sacerdotais**, que introduziu na Diocese os Clubes Vocacionais. Esse Secretariado coincidia praticamente com o Secretariado Diocesano de Pastoral. Não havia outro trabalho organizado de Pastoral na Diocese a não ser o da Pastoral Vocacional. E esse trabalho, impulsionado pelas Irmãs do IAVS, atingia todas as paróquias de toda a Diocese, procurando organizar equipes vocacionais, acompanhando e incentivando os vocacionados antes de entrarem para os seminários ou casas de formação, realizando estágios vocacionais com eles e encontros anuais com os animadores vocacionais de toda a Diocese. Em termos de Igreja, equivaliam a encontros de atualização. Esse trabalho com as vocações, para a época, era considerado avançado.

D. Wilson Laus Schmidt publicou o **Primeiro Plano Diocesano de Pastoral**, aos 29/12/1967, dentro das orientações do Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB. Esse Plano nos dá o momento da Diocese em 1967/1968: havia então na Diocese 31 Paróquias, divididas em 4 setores de Pastoral (antigas comarcas, hoje chamadas Regiões Pastorais), 18 entregues a padres religiosos de seis Congregações (Franciscanos, Jesuítas, Capuchinhos, Missionários do Sagrado Coração, Missionários da Sagrada Família e Combianos) e 13 confiadas ao clero secular²⁰.

Dos movimentos leigos existentes, o Plano fala da Congregação Mariana, do Apostolado da Oração, das Equipes Vocacionais, da Legião de Maria, da ASDI (Ação Social Diocesana, coordenada pelas Irmãs Franciscanas de Cristo Rei, trazidas de Joinville por D. Wilson), do Movimento Familiar Cristão e de **Círculos Bíblicos** (era um pequeno e promissor início, protagonizado pelo Vigário da Paróquia Santo Antônio da Catedral, apontando já para a perspectiva de um modo diferente de Igreja).

Sintetizando, esse Primeiro Plano de Pastoral da Diocese de Chapecó apresenta ainda uma eclesiologia muito tímida, piramidal, voltada para a faixa interna da Igreja. Dos leigos, a quem dedica apenas 14 linhas, fala textualmente: "É necessário também haver sincera vontade de colaborar por parte dos que

*"D. José Gomes,
protagonizando
toda uma
caminhada de
renovação para
a Diocese"*

devem ser dirigidos" ²¹. As afirmações de sua missão são genéricas e não apontam para aquela inserção no mundo de que falam a "Gaudium et Spes" e a "Apostolicam Actuositatem".

Também não há preocupação pela problemática social emergente na Diocese (índios, pobres marginalizados), a não ser em termos de assistencialismo ²². Quando o Plano fala das bases, coloca o termo entre aspas, parecendo dizer que seria algo quase estranho ao corpo eclesial. Enfim, esse Plano parece mais preencher requisitos da CNBB e do Regional Sul III, do que promover uma iniciativa para o novo que estava despontando em várias Igrejas de outras regiões do Brasil, já atingidas pelas sombras do Golpe Militar de 1964. Aliás, esse golpe não teve aqui restrição nenhuma na época.

A Igreja Diocesana de Chapecó só abre rumos novos no período seguinte, a partir do influxo de Medellín, que, por sinal, coincide com a chegada de seu terceiro Bispo Diocesano.

III.- A IGREJA NO OESTE CATARINENSE

A Diocese De Chapecó A Partir De Medellín *Uma Igreja Em Busca Da Libertação* (1968- até HOJE)

Esta segunda parte de nosso resumo de História da Igreja na região da Grande Palmas trata exclusivamente da História da Igreja no Oeste Catarinense. Coincide mais ou menos com o processo histórico desencadeado por volta dos anos 70, em que a hegemonia passa ao grande capital agro-industrial. Agora, os próprios colonos acabam sendo expropriados. A Igreja passa a tomar consciência dessa agressão e começam os conflitos com o grande capital. Lentamente, esboça-se um outro modo de ser Igreja, voltada para o povo dos pobres, conforme as orientações de Medellín. Chega por esta época o terceiro Bispo Diocesano, D.José Gomes, protagonizando toda uma caminhada de renovação para a Diocese.

Faremos, neste período de 1968 até hoje, três cortes no tempo, sendo que os dois primeiros são mais nítidos e o último precisa ainda ser observado melhor:

- Um primeiro, de 1968 a 1974, que qualificaremos como de **pastoral moderna** ²³.

- Um segundo, de 1975 a 1984, que pode ser chamado de **pastoral libertadora**.

- Um terceiro, que poderíamos caracterizar como de **reorganização pastoral da Igreja Diocesana** (tempo de assembleias, da autonomia dos movimentos populares etc), nos traria de 1985 até hoje. Preferimos deixar este sub-período em aberto, embora nos pareça que, a partir dos anos 90, seja oportuno apontar para novos rumos na caminhada da Igreja

Diocesana (crises internas, necessidade de reavaliação da caminhada etc).

Alguns destaques eclesiais deste período:

- 1968 (27/10), chegada de D.José Gomes à Diocese, vindo de Bagé.

- 1984 (25/11), celebração do Jubileu de Prata da Diocese.

- Criação de 12 paróquias novas na Diocese: Santo Antônio de Pinhalzinho (15/03/1970); Nossa Senhora de Lurdes de Cunhaporã (19/04/1970); Santíssima Trindade de Tunas (Itapiranga) (20/09/1970); São Domingos de São Domingos (01/05/1972); São João Bosco de Modelo (21/05/1972); Sagrado Coração de Jesus de Guarujá do Sul (20/08/1972); São Miguel Arcanjo de Galvão (07/10/1973); Nossa Senhora da Conceição de Romelândia ((03/11/1974); Nossa Senhora da Assunção do Seminário (em Chapecó)((14/05/1977); São Cristóvão do Bairro São Cristóvão e região Oeste do município de Chapecó (06/11/1977); Nossa Senhora das Graças de Palma Sola (18/07/1978); e Nossa Senhora das Mercês de Iporã (20/04/1980).

1. Prepara-Se Um Terreno Novo (1968-1974)

Nesse tempo operacionaliza-se a renovação conciliar e buscam-se caminhos novos, ainda dentro de um modelo moderno de Pastoral. A Paróquia Santo Antônio de Chapecó (onde já funcionavam os Círculos Bíblicos de Fr.Carlos Mesters antes da vinda de D.José) e a Paróquia do Senhor Bom Jesus de Xanxerê já há mais tempo vinham liderando iniciativas de renovação.

D.José começa a incentivar a **renovação catequética**, nos anos 69-70, promovendo cursos de atualização em vários pontos da Diocese (catequese diversificada em pré-eucaristia, eucaristia e perseverança).

Dos anos 70 em frente, até 1974, acontece uma intensa reciclagem dos Agentes de Pastoral. Sob a coordenação e orientação do recém fundado Regional Sul IV da CNBB, são promovidos **treinamentos** de Criatividade Comunitária e cursos

regionalizados de Renovação Teológica. Embora a metodologia da Criatividade Comunitária, adotada pelo Regional Sul IV, fosse um tanto diretiva e mais

"A grande novidade foi principalmente a introdução do culto Dominical nas comunidades"

desenvolvimentista que libertadora (não havia ainda consciência clara da "Teoria da Dependência" latino-americana), os méritos desses treinamentos foram valiosos:

- Desencantaram e dessacralizaram os Agentes (entrada na modernidade);

- Introduziram uma metodologia mais participativa, através do aprendizado da dinâmica de grupo;

- Revelaram o começo da força da presença da mulher na Pastoral, antes preponderantemente masculina.

São deste tempo os movimentos do Cursilho, do TLC (Treinamento de Lideranças Cristãs) e o MFC (Movimento Familiar Cristão). A grande novidade, que remexeu fortemente com os quadros internos da Igreja, foi principalmente a introdução do Culto Dominical nas comunidades, com a preparação dos Ministros Extraordinários da Eucaristia e das Equipes de Liturgia. Os dois primeiros grupos preparados e enviados como ministros da Eucaristia, foram das Paróquias de Chapecó e São Carlos, em 1970.

2. Germina Uma Nova Semente (1975-1984) *Nova Metodologia. Engajamento na Pastoral Libertadora. Lutas Pela Libertação.*

Num primeiro momento, nos anos 75 e 76, toma-se consciência, na Diocese, da necessidade de um "novo modo de ser Igreja". Pode-se perceber o caminho desta redefinição em alguns fatos novos que vinham acontecendo por esse tempo a nível nacional, regional e diocesano.

A nível nacional, a repressão provocada pelo endurecimento do Regime Militar, principalmente contra os setores mais comprometidos da Igreja, fizera com que a Igreja Hierárquica fosse mais e mais se afastando de sua tradicional aliança com o Estado. Embora não houvesse ainda um documento de conjunto da CNBB condenando a situação política vigente, aparece

"A CPT também teve atuação decisiva nos rumos novos que seguiu a Diocese na questão agrária"

nos centros maiores, principalmente na Igreja de São Paulo, uma clara posição profética de repúdio ao Regime, assumindo posições de resistência contra a violação dos direitos humanos. Há uma solidariedade nessa luta em favor dos "sem vez e sem voz", que vai aumentando a colegialidade da CNBB, dando forças à nova caminhada da Igreja em todo o Brasil.

Foi particularmente importante neste sentido o surgimento dos novos organismos ligados à CNBB, o

CIMI e a CPT, voltados decididamente para os mais pobres e marginalizados de nossa sociedade. No caso da Diocese de Chapecó, teve importância decisiva a fundação do CIMI-SUL (19/09/1974), com sede em Xanxerê, sob a influência de alguns padres novos da Diocese ligados à OPAN (Operação Anchieta, órgão indigenista). Foram eles, por suas reflexões e opções, os responsáveis pelo questionamento crítico ao método desenvolvimentista adotado na Diocese e no Regional Sul IV desde 1970 com a Criatividade Comunitária, bem como os mentores do surgimento de uma nova metodologia de análise da realidade, mais participativa, mais questionadora, mais da base, mais ligada aos postulados da Teologia da Libertação.

É nesta hora que surge a nova prática dos GRUPOS DE REFLEXÃO, um passo à frente em relação aos círculos bíblicos, que haviam sido introduzidos em Chapecó e Xanxerê no final da década de 60. Esta nova prática, inspirada na experiência realizada pela ASSESSOAR de Francisco Beltrão, Sudoeste do Paraná, foi testada principalmente nas paróquias de Chapecó e Xanxerê nos anos 74 e 75. O novo método, introduzido pelos Grupos de Reflexão, sem professor, sem ser diretivo, possibilitou um passo metodológico importantíssimo: a devolução da "vez e voz" ao povo simples. Foi sem dúvida um fator fundamental para uma nova compreensão de Igreja, mais inserida junto ao povo.

Posteriormente, a CPT também teve atuação decisiva nos rumos novos que seguiu a Diocese na questão agrária: a conscientização dos agricultores do Oeste quanto à realidade e o desencadeamento de uma nova consciência sindical no campo.

Outros fatos novos que neste primeiro momento ajudaram na renovação Pastoral da Diocese foram: a participação significativa de Agentes de Pastoral da Diocese nos cursos do COM (Centro de Orientação Missionária) de Caxias do Sul, a partir de 1976; o Movimento de Renovação Bíblica desencadeado em todo o Brasil pelo CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos); e a reflexão e estudo, nas bases, do documento preparatório de Puebla.

A nível diocesano, as Assembléias do Clero desse tempo, chamadas de Assembléias dos Agentes de Pastoral (ainda sem a participação representativa de leigos), bem como o Plano de Pastoral de 1974 e o de fevereiro de 1975, já começam a acenar para uma nova direção da Pastoral da Diocese.

Merece destaque especial uma dessas assembléias de Agentes, a de maio de 1976. Nela toma-se uma decisão pastoral importante: os GRUPOS DE REFLEXÃO são assumidos em conjunto pela quase totalidade das paróquias da Diocese, como metodologia pastoral capaz de levar às CEBs. Foi uma assembléia mais de padres e religiosos/religiosas, responsáveis por paróquias. Mas a decisão tomada, embora partida dos Agentes/dirigentes, refletia a pre-

camente, resultando assim a imposição de grupos de reflexão ou sua institucionalização, quando não sua rejeição. Mas, no todo, houve um avanço bem grande na consciência e na participação do povo de toda a Diocese.

Num segundo momento, dos anos 77 a 84, a Igreja Diocesana passa a se engajar decididamente nas organizações populares e lutas pela libertação.

Primeiramente, há umas práticas que começam a decair, como é o caso dos Cursilhos de Cristandade e dos TLCs para jovens. Outras começam a ser redirecionadas, como é o caso da ASDI que procura passar do assistencialismo para a promoção com conscientização. E surgem ou se reforçam práticas novas, como é o caso da ampla divulgação dos Grupos de Reflexão, do surgimento das Pastorais Sociais (a Pastoral Operária, a Pastoral da Saúde, a Pastoral da Juventude, principalmente a CPT), da Pastoral do Dízimo com experiências de caixa comum, e da preocupação por uma Pastoral Litúrgica mais ligada à vida. É preciso que se realce de modo especial a prática nova que a CPT fez deslanchar por esta época a nível diocesano: os encontros periódicos com agricultores de toda a Diocese sobre a realidade rural em termos de política agrária, política de preços, sindicalismo, previdência social e sistemas econômicos.

Na história da caminhada da Diocese, o ano de 1978 é um marco fundamental, um ano crucial, de conflitos explosivos e decisivos, que marcam opções e compromissos claros da Igreja Diocesana. Enumeramos quatro deles:

1. A CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 1978:

Esta campanha, com seu lema "*Justiça e trabalho para todos*" foi a responsável, a nosso ver, pela divulgação em toda a sociedade do Oeste Catarinense desse fervilhar de idéias novas gestadas na Diocese desde 1974, agora tornadas públicas e com dimensões mais amplas. O debate do temário da Campanha durante todo o ano e, principalmente, na Quaresma, em todos os Grupos de Reflexão da Diocese, criou um impacto enorme entre as classes dirigentes e também no meio do povo mais tradicional. Apareceu ao vivo a chaga da exploração, a das injustiças sociais e a maldade do sistema econômico capitalista, tanto no campo como na cidade. A celeuma foi grande. Da classe média para cima, houve rompimentos com a Igreja. Como consequência, em Chapecó foi fechado o Secretariado dos Cursilhos de Cristandade. Surgiram tensões fortes que acabaram posicionando, de um lado, as lideranças conscientes, determinados agentes de Pastoral e o Bispo Diocesano; e do outro, as classes dirigentes.

2. DESPEJOS DE AGRICULTORES DE ÁREAS INDÍGENAS:

Foi nesse ano de 1978 que uma maior conscientização levou os índios do Brasil a tomar medidas concretas de expulsão de agricultores intrusados em suas áreas:

- em janeiro de 1978, na reserva do Rio das Cobras, Paraná;

- em maio de 1978, na reserva de Nonoai, Rio Grande do Sul;

- em junho e julho de 1978, na reserva de Xanxerê, Diocese de Chapecó.

Para nós, é de particular relevância este último caso de Xanxerê. Os agricultores que se haviam assentado nessa área indígena tinham o aval de determinados grandes proprietários de terra de Xanxerê, que lhes haviam prometido a legalização dessas posses em troca de votos nas próximas eleições (de 1982). Aconteceu, porém, que os fatos se precipitaram com a expulsão dos colonos das áreas do Rio das Cobras e Nonoai, executadas

pelos próprios indígenas. Isto fez com que o próprio chefe do Posto Indígena de Xanxerê se antecipasse aos índios e executasse ele mesmo a expulsão dos colonos daquela área, lançando a culpa sobre o Bispo Diocesano, D. José

Gomes. Os senho-

res de terras de Xanxerê, frustrados em seus propósitos eleitoreiros, endossaram essa versão, pondo lenha na fogueira, lançando pequenos contra pequenos. Isto gerou conflitos e tensões muito fortes entre colonos, índios e Igreja, principalmente pelo preconceito de que o colono é quem produz, enquanto o índio seria preguiçoso. Data desta época o ódio surdo votado pelos chefes dos vários centros maiores de nossa Diocese a D. José. Este episódio acabou definindo claramente o próprio Bispo Diocesano nesta caminhada. A Igreja Diocesana define-se decididamente pela defesa dos direitos dos índios, bem como dos pequenos agricultores, que também devem lutar pela terra, mas não tirando-a de seus irmãos marginalizados.

Assim, a Igreja Diocesana vai percebendo, na prática do dia a dia, aquilo que Puebla haveria de declarar logo em seguida: "que um número cada vez menor de ricos vai ficando cada vez mais rico, às custas de um número cada vez maior de pobres cada vez mais pobres".

"A Igreja Diocesana define-se decididamente pela defesa dos direitos dos índios, bem como dos pequenos agricultores"

3. A EXPLOSÃO DO CASO CHIMBANGUE:

Em íntima conexão com a expulsão dos agricultores das áreas do Rio das Cobras, Nonoai e Xanxerê, está a questão do Toldo Chimbanguê, que nesse ano se agudizou pela maior consciência dos povos indígenas.

O Toldo Chimbanguê está situado a mais ou menos 15 Kms. da cidade de Chapecó, nas cercanias do Rio Irani. Trata-se de uma gleba de 2.000 Ha. ou

"A questão Chimbanguê foi crescendo, tomando contornos estaduais e até federais"

80 colônias de terra, que os índios kaingang reivindicaram para si, fundados na história e na tradição de seus antepassados. Dados históricos documentados demonstram ter sido esta terra grilada aos índios já no final do século passado. A terra em questão fazia parte da "Gleba Monte Alegre", medida judicialmente em 1893 por José Joaquim de Moraes, que a requereu do Estado do Paraná e no início deste século foi vendida à Empresa Colonizadora LUCE ROSA & CIA LTDA, pelos herdeiros da Baronesa de Limeira. Esta a dividiu em lotes rurais (colônias), titulando-a no ano de 1919. Jocondo e Severino Trentin, por volta de 1948, compraram à LUCE ROSA 61 colônias dessa gleba, que começaram a vender, iniciando-se assim, a partir de 1948/1949, a invasão do Toldo Chimbanguê, chamado oficialmente a partir daí de Sede Trentin.

As últimas quatro colônias ou 100Ha. desta gleba, fora do lote vendido a Jocondo e Severino Trentin, foram vendidas pela própria LUCE ROSA em 1973, ficando dali para a frente os kaingang e seus descendentes como agregados nas próprias terras que antes lhes pertenciam.

Nessa área em litígio (60 colônias de doze alqueires ou 80 de dez alqueires), residiam na época 60 proprietários rurais (colonos) e 49 ou 50 arrendatários (dados do STR de Chapecó). Já em 1974, o Pe. Egon Dionísio Heck, do CIMI, recenseara no local 11 famílias de índios, num total de 51 pessoas que moravam na área do Toldo ou proximidades, pertencentes ou descendentes de antigos kaingang do Chimbanguê. O caso ganhou mesmo vulto em 1978, quando os índios, alertados pelas reações de seus companheiros do Rio das Cobras, Nonoai e Xanxerê, passaram a firmar sua posição de reivindicar suas terras. Uma reunião, realizada em 1978, por membros do Regional Sul do CIMI, acompanhados por um membro da CPT de Santa Catarina, com os colonos de Sede Trentin, tentou alertá-los para o problema, procuran-

do uma solução conjunta. A reação a essa reunião foi não apenas um irreduzível e natural agarramento dos colonos às escrituras de suas terras, como também o início dos combates à Igreja, ao Bispo Diocesano, ao CIMI, à CPT, e o recrudescimento de ações intimidatórias contra os indígenas e os membros do CIMI: queima do rancho do velho kaingang Francisco Marcelino, em julho de 1979; danos a veículos usados pelo CIMI, em setembro de 1979 (corte de pneus); atentados à bala contra dois índios desarmados, em abril de 1981.

A questão Chimbanguê foi crescendo muito, tomando contornos estaduais e até federais, com radicalização dos colonos que, instigados pelo mandamento local, lançaram toda a culpa sobre a Igreja Diocesana e, particularmente, sobre D. José Gomes.

O caso teve lances dramáticos a partir de julho de 1984, com a realização da famosa passeata dos colonos de Sede Trentin contra a Diocese e o Bispo, aos 27/07/1984, na cidade de Chapecó. Esse caso foi-se desdobrando em vários episódios, incluindo um incrível atentado à bala cometido em Sede Trentin contra missionários do CIMI na tarde de 16/10/1984, só não resultando em morte por um milagre de Deus. O estarrecedor nisso tudo foi a omissão dos órgãos públicos e a insidiosa distorção dos fatos pelos Meios de Comunicação. No final desse ano, a questão foi resolvida em favor dos índios do Toldo Chimbanguê

25

4. A PESTE SUÍNA AFRICANA:

Pela época das eleições, em 1978, surge no Oeste a famigerada "Peste Suína Africana", forjada nos laboratórios das multinacionais. Acontecem várias matanças de suínos, a mando da polícia, inclusive casos de repressão policial. O preço do porco baixa muito, com grande aproveitamento dos frigoríficos da região. Nesse misterioso episódio, foi muito destacada a atuação de D. José Gomes, que desmascarou a interpretação oficial dessa peste. Este caso chegou mais lenha ao incêndio ateado pelos donos do poder contra o Bispo. Chegou inclusive a vazar a notícia de que teria sido dada ordem de prisão contra o Bispo, só não sendo executada por medo da reação do povo.

Além da presença forte da Igreja nestes "casos símbolo", sua atuação é mais ampla e bem presente em muitas outras lutas e conflitos. Citamos aqui os principais em que a Igreja esteve envolvida:

* **A luta contra as barragens** projetadas pela ELETROSUL nas bacias do Rio Uruguai e Chapecó. A partir de 28/12/1978, organiza-se no Oeste de Santa Catarina e na região do Alto Uruguai (RS) um movimento (ecumênico) de pequenos agricultores como resistência ao projeto da ELETROSUL. Surge daí a CRAB (Comissão Regional contra as Barragens).

* **A ocupação, em junho de 1980, da Fazenda Burro Branco**, município de Campo Erê, por mais de 300 famílias sem terra. A tensão é enorme. A Igreja Diocesana é atacada, o Pároco taxado de subversivo e ameaçado de expulsão. Por iniciativa da CPT e da Diocese organiza-se uma grande concentração de povo na sede da Paróquia em defesa do padre ameaçado. Depois, a fazenda é desapropriada pelo Governo Federal para assentamento das famílias ocupantes sem terra. Foi a primeira desapropriação de terras para efeitos de Reforma Agrária no sul do Brasil ²⁶.

* **As lutas pela terra da Encruzilhada Natalino**, município de Ronda Alta (RS), a 100 Kms. de Chapecó. O problema explodiu no Natal de 1980, mas foi em 1981 que se tornou palco de lutas e de concentrações de povo memoráveis. Esse caso foi de importância capital para o surgimento posterior do MST (Movimento dos sem-terra) tornando-se um sacramento, a nível nacional, da luta dos sem-terra por uma nova ordem. Foi certamente a "ronda alta avançada" da consciência da Igreja Brasileira na luta pela terra. A participação ativa da Diocese de Chapecó nesse conflito ajudou a aprofundar sua opção em favor dos oprimidos.

* **Movimentação popular por melhores preços dos suínos**: aos 15/10/1980, acontece no Estádio Municipal "Índio Condá" uma impressionante concentração de cerca de 20.000 agricultores de todo o Oeste de Santa Catarina, convocada pelos sindicatos da região. Essa massa desfila, depois, pelas ruas da cidade, reivindicando melhores preços para os suínos. Muitos Agentes de Pastoral e lideranças da base estavam presentes nessa mobilização. Seu sucesso deve-se sem dúvida ao trabalho conscientizador da Igreja, através dos Grupos de Reflexão espalhados por toda a Diocese.

* **Luta pela indenização de terras**: nos anos 80 e 81 acontecem vários casos de organização de agricultores para reivindicar a indenização de suas terras, tomadas por projetos de estradas federais e estaduais sem consulta prévia. Há um caso em Xanxerê (1980), outro em Guaraciaba (1981), e outro em Quilombo (1981). A Igreja Diocesana, através da CPT, apóia e assessora esses movimentos.

* **Luta pela Previdência digna**: em 1981, recolhem-se 40.000 assinaturas de agricultores contra o projeto de lei da Previdência, que pretendia descontar, a partir de 1982, 8% mensais dos trabalhadores do campo.

* **Luta pelo sindicalismo autêntico**: a partir de 1980, o avanço do sindicalismo autêntico é um

fato incontestável, fruto de muita reflexão e lutas de leigos engajados na CPT produzindo nova consciência e organização dos trabalhadores rurais ²⁷. Nas eleições das diretorias dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, começaram a vencer as assim chamadas chapas autênticas (de oposição). De 1980 a 1984 estas chapas venceram em Maravilha, Quilombo, Campo Erê, Caxambu do Sul, Coronel Freitas, Chapecó, São Miguel do Oeste, Itapiranga, Guaraciaba, Palmitos, Descanso, Romelândia, Ipumirim e Águas de Chapecó. Isso quebrou sem dúvida uma tradição já consuetudinária de "peleguismo" nos sindicatos do Oeste.

* **Participação nas eleições de 1982**: a Igreja Diocesana, consciente da ligação fé/vida, mexeu também na questão do voto ao publicar uma cartilha política por ocasião das eleições de 1982, provocando com isso muitos debates, reações, como também engajamento político-partidário.

Os resultados dessa inserção da Igreja nas lutas e movimentos populares não tardaram a manifestar-se: por um lado, fica nitido um divisor de águas entre o modelo anterior de Igreja, romanizado, e um modelo novo, emergente, de compromisso mais popular, divisor esse que se manifesta nas tensões e conflitos surgidos entre os Agentes de Pastoral, os ministros das comunidades e no próprio povo; por outro lado, constata-se a multiplicação de lideranças militantes, o aumento de consciência transformadora e inserção de comunidades religiosas nos meios populares.

Além disso, esta nova prática vai desencadeando aqui e acolá, em toda a Diocese, uma série de pequenas iniciativas de organização popular, pequenas experiências em que grupos se organizam tentando alternativas libertadoras. Lembramos algumas:

- A experiência da Paróquia Santa Inês de Quilombo, com uma Comunidade de Base de caboclos e negros do morro, perto da cidade. Essa experiência tornou-se expressiva e causou impacto pela consciência de auto-gestão do grupo, por sua organização e pelas soluções comunitárias que encontrou para esses trabalhadores sem-terra chamados caboclos, geralmente desprezados pelos colonos convencionais.

- Organização da saúde comunitária em várias comunidades da paróquia de Campo Erê, com projetos comunitários, com campanhas de despoluição de rios, de combate a agro-tóxicos etc.

- Luta pela canalização do rio na cidade de Xaxim.

*"Esta nova prática
vai desencadeando
aqui e acolá, em
toda a Diocese,
uma série de
pequenas iniciativas
de organização
popular"*

- A nível urbano, organização de hortas comunitárias, organização do Sindicato da Indústria da Alimentação, planejamento de feiras comunitárias em São Miguel do Oeste.

- A organização da assim chamada "Equipe de Base", com um membro de cada comunidade do setor Itaberaba, da Paróquia Santo Antônio de Chapecó, para recolher problemas, refletir sobre eles, procurar soluções, fazer reivindicações. Era como uma espécie de consciência da comunidade, responsável por várias ações concretas a nível político (protestos, passeatas) e a nível sindical (dela nasceu a renovação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Chapecó e também muita consciência política).

O Treinamento de Animadores de Pastoral Popular (inspirado no COM de Caxias do Sul) tentou, no início dos anos 80, ser uma assessoria a essas iniciativas de organização popular. Organizado a nível diocesano, em várias etapas de dois ou três dias cada uma, reunia agentes de base de determinadas paróquias, descompromissados com o sistema, abertos para a mudança, escolhidos por critérios de vizinhança, engajamento e possibilidade de acompanhamento, com os seguintes objetivos: criar uma mística de fé/ação, bíblia/vida; aprender o método de trabalhar com o povo, buscando fundamento na palavra de Deus; troca e análise de experiências concretas para descobrir os elementos do método libertador. O Curso chegou a concluir a experiência com lideranças de três grupos de diferentes paróquias²⁸.

Outro instrumento organizado em Chapecó, por esta época, para assessorar essas práticas, foi o

"A Igreja Diocesana tomou consciência de sua missão de servidora do povo sofrido do Oeste"

SAI (Serviço de Apoio à Informação). Tratava-se de um pequeno centro de informações com o objetivo de recolher tudo o que acontecia na Diocese e na região em termos de trabalhos e lutas pela libertação, para ajudar na inter-comunicação

dos movimentos populares, uma tentativa de socialização de tudo o que se produzia de material e de articulação da variedade grande de experiências que surgiam.

A Assembléia Diocesana de 08 e 09/03/1980, após ampla avaliação, vem confirmar e fortificar toda esta caminhada. Foi a primeira Assembléia Diocesana propriamente dita, que contou com a participação efetiva de leigos. Dela resultou o Plano Diocesano de Pastoral de 1980, onde se reforça a ligação fé/vida e o compromisso com a libertação; reassumem-se as CEBs, prioriza-se a formação de lideranças e os Gru-

pos de Reflexão, dentro do método já consagrado VER/JULGAR/AGIR²⁹.

A celebração do jubileu dos 25 anos da Diocese (25/11/1984), a nosso ver, encerra esse sub-período da História de nossa Diocese, de 1968 a 1984. Foi certamente um período fecundo para a Igreja Diocesana, nas pegadas das orientações da CNBB, um "período glorioso" da Diocese, no dizer de Arturo Paoli (depoimento dado ao Pe. Tedesco em novembro de 94), um período em que prevaleceu a atuação na faixa externa ("ad extra"), ou seja, a prática da função tribunicia da Igreja de ser "vez e voz" dos que estavam silenciados pelos esquemas da repressão.

É evidente que não foi a Igreja a determinante fundamental do processo todo de mudança no Oeste. A Igreja também faz parte da história da sociedade. E a sociedade do Oeste Catarinense, principalmente a partir dos anos 70, sofreu uma mudança profunda, com a irrupção agressiva do capitalismo no campo, caracterizado no modelo de produção para exportação, pelo surgimento das agro-indústrias, pela concentração de terras e pelo êxodo rural com grande inchaço das cidades maiores. Mas, também não é menos evidente que a Igreja Diocesana contribuiu significativamente, a partir dos anos 70, na interpretação e encaminhamento posterior desse processo histórico, quando tomou consciência de sua missão de servidora do povo sofrido do Oeste, quando ela conscientizou as classes menos favorecidas de que essa não era a vontade de Deus, de que a fé cristã tinha também uma dimensão política. Outras Igrejas Particulares por esse Brasil afora também haviam vivido o tempo da renovação conciliar, mas nem por isso mudaram efetivamente de lugar social. O grande passo ou intuição da Igreja de Chapecó talvez tenha sido aquele de colocar nas mãos do povo simples das comunidades um livrinho de reflexão sobre os fatos da vida à luz da Palavra de Deus, sem professores, ou seja, os Grupos de Reflexão, como exercício concreto de educação popular. Foi esse instrumental que abriu os olhos do povo à realidade e criou as condições de mudança para um novo modo de ser Igreja e para a possibilidade de um novo modo de sociedade, embora ainda em gestação.

Esboçando uma conclusão deste sub-período (1975-1984), poderíamos resumir assim as conquistas importantes da Diocese neste período:

* Conquistas na linha da Evangelização, ou seja, uma nova evangelização nas comunidades cristãs através dos Grupos de Reflexão e dos Catecumenatos; e uma nova evangelização de massa, conscientizadora, através das grandes celebrações ou grandes encontros de povo (semana santa, celebrações de lutas, celebrações do Dia do Agricultor, romarias).

* Conquistas na linha da formação de lideranças, ou seja, a multiplicação de ministérios e lideranças leigas militantes.

* Conquistas na linha do compromisso com as lutas e movimentos populares, ou seja, a organização da saúde comunitária, o desatrelamento da tutela das classes dominantes e, principalmente, como destaque principal da atuação da Igreja nesse período, a organização da classe trabalhadora rural (sem-terra e pequenos proprietários) num novo sindicalismo e numa nova consciência em relação à posse da terra, via CPT.

Embora sempre acenados, ficaram também pendentes, neste sub-período, a nosso ver, grandes desafios, que viriam a nos questionar mais tarde. O primeiro deles situa-se na questão metodológica. Essa opção pastoral concreta chamada de Pastoral Libertadora é linha oficial da Diocese: por ela lutam o Bispo Diocesano e seu Secretariado. Por mais que se respeite o método, pode acontecer pelo menos a impressão de que as coisas venham de cima para baixo, com os modelos prontos. Desse modo podemos cair num tipo de Igreja que, com a aparência de popular, continue clericalizada e centralizadora. É preciso, pois, a urgente criação e ampliação de quadros intermediários que assessoram o Bispo Diocesano e seu Secretariado na direção da descentralização do poder.

Outros desafios que permaneceram em aberto poderiam ser:

- O desafio da Pastoral Rural, ainda sem resposta nas regiões habitadas por caboclos³⁰;

- O grande desafio da Pastoral Urbana, quer na questão dos marginalizados das periferias das cidades maiores (menores abandonados, meninos e meninas de rua, direitos humanos etc.); quer na Pastoral Operária, sempre exposta à vigilância onipresente dos poderosos; quer na falta de resposta inculturada por parte da Igreja à religiosidade popular, tão profundamente arraigada na alma de nosso povo, tão marcada pelo legalismo colonizador e tão gravemente tentada pelas religiões do tipo espiritual alienante (avanço do Pentecostalismo e das Religiões Eletrônicas).

3. Igreja A Serviço Do Reino Reorganização da Igreja Diocesana. (Corte 1985-1992).

*Amadurecimento Da Caminhada.
Autonomia Dos Movimentos*³¹.

Cessa para a Igreja Diocesana a função de tribuna do povo, de único canal das organizações e reivindicações populares, própria do período anterior. A Diocese passa agora a assumir sua tarefa específica, de serviço ao Reino, ao lado das organizações populares, respeitando a autonomia das realidades terrestres.

Desenha-se uma nova dialética: por um lado, acontece uma grande valorização da função específica do leigo e a consciência da necessidade urgente da descentralização do poder; por outro lado, ao perceber e tentar suprir certas lacunas existentes no período anterior (como, por exemplo, a necessidade urgente de aprofundamento da espiritualidade como exigência da fé), a Igreja Diocesana

"Podemos cair num tipo de Igreja, que com a aparência de popular, continue clericalizada e centralizadora"

volta a pensar-se a si mesma, reorganizando-se a nível interno. Influi certamente nisto tudo a nova conjuntura mundial dos anos 80: a nível de Igreja Universal, um certo recuo para um neo-conservadorismo; a nível de mundo, o triunfo do neoliberalismo e a emergência da pós-modernidade.

Acontecimentos deste novo tempo da Diocese que concretizam *esperanças* do período anterior:

(1) No âmbito das LUTAS DO POVO:

- Surgimento do MST (Movimento dos Sem-Terra), com as históricas ocupações de terras a partir de maio de 1985;

- Surgimento da Organização das Mulheres Agricultoras;

- Crescimento do sindicalismo: CUT (1983), Sindicatos urbanos...

- Avanços na política partidária.

(2) No âmbito ECLESIAL:

- Aumenta a formação bíblica de base;

- Sistematiza-se uma Equipe Diocesana de CEBs, como serviço a essa opção;

- Acontece uma maior estruturação da Pastoral Diocesana e do Secretariado: a coordenação de Pastoral é descentralizada do Bispo; equipes de coordenação de pastorais, de produção de material pastoral etc etc;

- Agilização do Conselho Diocesano de Pastoral, com representantes das diversas regiões pastorais;

- Criação do CETEP (Centro de Estudos de Teologia e Pastoral) em Chapecó, para a formação do clero diocesano na própria diocese (1984-1995);

- Aos 22/09/1985, acontece uma grande caminhada da Pastoral da Juventude (cerca de 35.000 participantes);

- Multiplicação de encontros sobre FÉ/POLÍTICA, sobre metodologia e educação popular;

- Redescoberta da Espiritualidade (retiros) e da Religião do Povo.

(3) Nesse tempo, aconteceram importantes **ASSEMBLÉIAS DIOCESANAS:**

- A ASSEMBLÉIA DE 14 a 16/08/1987 (2ª Diocesana) firma a opção e o compromisso decidido com os pobres e trabalhadores.

- A ASSEMBLÉIA de 25 a 27/08/1989 (3ª Diocesana) questionou o modelo de Igreja existente

"...da defasagem em que ainda estamos, diante dos desafios da urbanização em termos de evangelização"

na Diocese e trabalhou decididamente para a descentralização do poder, propondo a formação de **Conselhos de Pastoral** em todas as instâncias. Além do já existente Conselho Diocesano de Pastoral, propõe a criação do Conselho Regional (antigo comarcal) e estabelece os passos para a formação

dos Conselhos nas comunidades (CdPCs)³². Foi em cima de uma decisão desta assembléia diocesana sobre a "formação do Povo de Deus", que o Conselho Diocesano de Pastoral de 24 e 25/10/1989 criou o **Curso de Teologia de Leigos (CTL)**, delegando um coordenador para dirigir esse trabalho, mediante a formação de uma equipe.

CONCLUSÃO: PARA ONDE CAMINHA A IGREJA DIOCESANA ? EMERGÊNCIAS NOVAS ? (1992-HOJE)

A partir dos anos 90, com os contornos mais claros da nova conjuntura mundial (globalização da economia neo-liberal, crise de paradigmas, advento da pós-modernidade) tudo começou a indicar que seria necessário redimensionar a caminhada da Pastoral Diocesana, retomar certas opções e quem sabe redescobrir e aprofundar outras, como resposta aos novos desafios do mundo já praticamente em pleno Terceiro Milênio. Estamos muito em cima dos fatos para falar sobre esse novo marco da caminhada histórica da Diocese. A 4ª ASSEMBLÉIA DIOCESANA, de 21 a 23/08/92 (marcada fortemente pelos acontecimentos do 5º Centenário da colonização européia nas Américas e pela celebração do 8º Inter-eclesial de CEBs em Santa Maria, RS), talvez tenha começado a vislumbrar e pressentir esse novo momento da caminhada da Diocese. Ficou mais aguda a consciência:

- da necessidade de articular de modo criativo a opção pelos pobres com o pluralismo das culturas;

- da entrada em cheio do desafio do leigo na Igreja Diocesana e de seu lugar nessa Igreja como sujeito histórico;

- da defasagem em que ainda estamos, diante dos desafios da urbanização em termos de evangelização (**pastoral urbana**), levando em conta o aumento considerável das igrejas pentecostais e eletrônicas (precisamos como Igreja sair da faixa interna para a missão);

- do desafio do ecumenismo (agora pensado também como macro-ecumenismo);

- da quebra da harmonia ecológica no planeta.

De 23 a 25 de agosto de 1996 realizou-se a 5ª Assembléia Diocesana, depois de todo um processo feito a partir das bases das comunidades. Estamos muito em cima dos fatos para falar sobre esse novo marco da caminhada histórica da Diocese. É cedo ainda para verificar se as luzes e pistas trazidas por essa Assembléia responderam às perspectivas acima elencadas. Preferimos deixar para uma reflexão posterior o momento que agora vivemos. A virada do Milênio certamente trará outros enfoques.

NOTAS

¹ Destes Cadernos, destacamos o do Ano 4, No.1/2, de setembro de 1989; do Ano 4, No.2, também de setembro de 1989; o do Ano 4, No.6, de novembro de 1989, sobre a História do Oeste Catarinense; e o do Ano 5, No.7, de abril de 1991.

² SANTOS, Sílvio Coelho dos - "Nova História de Santa Catarina", Florianópolis, Edição do Autor, Símbolo SA, Indústrias Gráficas, SP.

³ Há nesta direção um bom trabalho de pesquisa sobre o Oeste, embora inédito, feito por um nordestino, Indio Campos. Ver cópia na UNOESC.

⁴ Há algo de manuscrito a respeito, resultado de assessorias realizadas no CTL (Curso de Teologia de Leigos da Diocese de Chapecó) dos anos de 1992 e 1993, que constam nos arquivos de A.M.TEDESCO.

⁵ Paulo Fernando DIEL foi aluno do CETEP (Centro de Estudos de Teologia e Pastoral da Diocese de Chapecó). Concluiu trabalho de mestrado sobre esse período da História da Igreja, na Faculdade N.S. da Assunção de São Paulo, que leva como título: "EM NOME DE DEUS: a Reforma Católica e o Catolicismo popular caboclo no Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná (1903-1958)", Faculdade de Teologia N.S. da Assunção, São Paulo, 1995. As citações que constam neste trabalho foram extraídas de um texto preparatório da pesquisa do mesmo Paulo F.Diel, ainda não publicado.

⁶ Ver RENK, Arlene Anélia "As Representações da Colonização no Oeste Catarinense, a partir dos Brasileiros", in "Cadernos do CEOM", Ano 5, No.7, abril de 1991, pg.7ss.

⁷ Sobre a resistência desse Catolicismo Popular caboclo, que perdura ainda hoje, apesar de toda a força do catolicismo romanizado e de todo o trabalho de renovação

resultante da aplicação do Concílio Ecumênico Vaticano II, temos um exemplo bem concreto no trabalho que a Paróquia Santo Antônio de Chapecó vem desenvolvendo com caboclos na Comunidade de Linha Almeida, Região Pastoral do Passo Bormann, Chapecó, SC.

⁸ Essa estrada era um projeto de ligar a Província de São Paulo com a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Havia também um plano mais global de comunicação "que visava comunicar a Província de São Pedro à de Mato Grosso" (cf. WACHOWICZ, Ruy Cristovam em "O Uti Possidetis brasileiro na Questão de Palmas", in "Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense", vol. arXXXV, Curitiba, 1979, pg. 204).

⁹ Ver texto "Oeste de Santa Catarina" de Jaci POLI in "Relatório do Seminário sobre História de Santa Catarina - Para uma História da Igreja de Santa Catarina a partir dos Oprimidos", LAGES, 08 a 10/11/1991, pg. 11ss. (arquivo CEBs do Secretariado Diocesano de Pastoral de Chapecó, Av. Nereu Ramos, 678-D, Chapecó, SC).

¹⁰ A vinda de Irmãs Religiosas a uma Paróquia, inicialmente sempre visava assumir ou suprir tarefas no campo escolar, e/ou cuidar de hospitais, além também da ajuda em serviços paroquiais, principalmente na catequese paroquial.

¹¹ Ver "O Brasil Católico", Tipografia e Livraria Editora "O Lar Católico", Juiz de Fora, Minas Gerais, IV e V Edição, em 1943 e 1947 respectivamente, sob o título "Prelazia de Palmas".

¹² Depois da Segunda Guerra Mundial aumentou a imigração na região, principalmente de descendentes de italianos vindos das "colônias velhas" do Rio Grande do Sul, trazendo a cultura do porco e posteriormente a construção de frigoríficos. (Perdigão, 1942; SADIA, 1944; SAIC, 1952; Seara, 1956; Cooper Central, 1960).

¹³ Do texto preparatório da tese de mestrado de Paulo F. DIEL, pg. 4 (cf. Arquivo de A.M. TEDESCO).

¹⁴ Idem, pg. 4.

¹⁵ Esse episódio do incêndio da igreja matriz de Chapecó ainda está por merecer um estudo a fundo para podermos compreender-lhe as implicações econômicas, políticas e religiosas. Existe sobre o assunto, na UNOESC, um escrito da jornalista Mônica HAAS, intitulado: "A Chacina de Chapecó".

¹⁶ Paulo Fernando DIEL, op. cit. pg. 5-9 (cf. Arquivo de A.M. Tedesco)

¹⁷ Chapecó deu origem a numerosos municípios no Oeste Catarinense. Os mais antigos são: em 1953, Palmitos, Xaxim, Mondai, Dionísio Cerqueira, São Carlos, Xanxerê, São Miguel do Oeste e Itapiranga; em 1958, São Lourenço do Oeste e Campo Erê; em 1961, Coronel Freitas; em 1962, Caxambu do Sul e Aguas de Chapecó. Posteriormente, houve desmembramento de muitos outros municípios.

¹⁸ Cf. Anuário Católico da CNBB, 1957.

¹⁹ Extraído da Crônica da Residência dos Franciscanos de Chapecó, arquivada na Cúria da Província da Imaculada Conceição de São Paulo. SP. Transcrição resumida constante no Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Chapecó, Chapecó, SC.

²⁰ Cf. Primeiro Plano Diocesano de Pastoral, 1967-1968, Diocese de Chapecó, Regional Sul III da CNBB, Secretariado Diocesano de Pastoral, Chapecó, Santa Catarina.

²¹ Idem, pg. 4.

²² Ibidem, pg. 8, falando da ASDI (Ação Social Diocesana).

²³ Conferir esta denominação em J. Batista LIBÂNIO: "O que é Pastoral", Ed. Brasiliense, SP, 2a. Edição, 1983.

²⁴ Nos arquivos do Secretariado Diocesano de Pastoral consta o relatório de uma reunião de dois dias (27 e 28/10/1976) sobre Grupos de Reflexão, contando experiências de Chapecó, Joinville, Francisco Beltrão e Goiás. Nesse relatório fala-se da existência, em Chapecó, de um jornalzinho intitulado "A LUTA", que servia como informativo dos grupos e visava unir todos os Grupos de Reflexão num mesmo objetivo.

²⁵ Para maiores detalhes históricos sobre o Toldo Chimbangue, ver D' ANGELIS, Vilmar: "Toldo Chimbangue, História e Luta Kaingang em Santa Catarina", Xanxerê, CIMI-Regional Sul, 1984. Ver também "Luta Indígena", número 11: "A dramática história do Toldo Chimbangue", Xanxerê, Regional CIMI-Sul, arquivo CIMI, Xanxerê.

²⁶ A Fazenda "Burro Branco" era uma gleba de 2.908 Ha. de terra pertencente à família Taborda, de Curitiba, desapropriada aos 12/11/1980 por um decreto do então Presidente da República João Batista Figueiredo. Na época da desapropriação moravam nessa gleba 317 famílias, que acabaram sendo assentadas nessa mesma área.

²⁷ O assim chamado sindicalismo autêntico visava na época as seguintes mudanças:

- os próprios trabalhadores rurais deveriam assumir a direção de seus sindicatos;

- passar para outra visão sindical, i.é, um sindicato não identificado com sua Diretoria (amarrada ao sistema), mas um sindicato com a participação efetiva de seus associados (por isso surgem as delegacias sindicais);

- fortalecer a consciência de que somente a organização da classe poderia conseguir as melhoras reivindicadas pela classe trabalhadora rural;

- transformar a visão da natureza do sindicato, isto é, partir para a raiz do problema no campo, questionando a estrutura agrária brasileira (o sistema), e lutando pela terra e pela Reforma Agrária (não apenas lutar por Previdência e melhor política de preços).

²⁸ Esse Treinamento de Animadores de Pastoral Popular, apelidado popularmente de COMZINHO, era coordenado por Mercedes Brancher, Agente de Pastoral liberada pela Diocese e contava com várias assessorias. Chegou a concluir três experiências: a primeira, nos anos 81 e 82, com cinco etapas; a segunda, nos anos 83 e 84, com quatro etapas; e uma última, em 86 e 87, com três etapas. Conservam-se registros desses treinamentos nos arquivos de A.M. TEDESCO, S. Miguel do Oeste, SC.

²⁹ Cf. "Plano de Pastoral da Diocese de Chapecó-1980", Secretariado Diocesano de Pastoral, Chapecó, Av. Nereu Ramos 678-D, arquivo do Secretariado. Ver especialmente pg. 1 (Igreja Libertadora/CEBs/Opção pelos Pobres); pg. 2 (Igreja e Política/ função tribúncia da Igreja/formação de lideranças/grupos de reflexão); e pg. 12 (a questão do método).

³⁰ Na pesquisa sócio-político-econômico-religiosa realizada pela Diocese em 1984, consta que 23,2% das famílias de nossa Diocese eram de origem cabocla (47,7% eram de origem italiana e 24,9% de origem alemã). Dados extraídos do livro "A Realidade do Povo da Diocese

de Chapecó", 1959-1984, "Celebrando juntos nossa Caminhada", publicado pelo Secretariado Diocesano de Pastoral, Chapecó, SC, pg. 11.

³¹ A sequência dos dados deste item é tirada do polígrafo que o Secretariado Diocesano de Pastoral utiliza em seus encontros anuais para Agentes Novos da Diocese.

³² Para outros informes sobre esse assunto, ver texto de A.M. TEDESCO e Ivo Pedro ORO "Novos rumos da Igreja Diocesana: os Conselhos de Pastoral", Secretariado Diocesano de Pastoral, 1989, arquivo.

Endereço do Autor:

Casa Paroquial
Caixa Postal 68
89900-000 SÃO MIGUEL DO OESTE, SC

Igreja em Santa Catarina

Lembranças do Padre Roberto

Homenagem aos 90 anos de vida do Côn. Roberto Wyrobeck

Elmar Joenck
Professor na PUC-Curitiba, PR

A pedido de familiares¹, escrevo algumas lembranças religiosas da infância e adolescência, de perto de 50 anos atrás, quando ele era "o Padre", "o Vigário", da então enorme paróquia de São Pedro de Alcântara, como ministro de todos os sacramentos, sendo

Papa, na época, Pio XII.

Batizados, após as missas, com palmadinhas de carinho, no nenê e nos padrinhos. Mais tarde, após a "dieta", dava bênção às mães, com os nenês no colo, um por um, uma por uma. As crismas eram quase só na Matriz, quando vinha o Arcebispo, com pompa e foguetórios e... mais um par de padrinhos.

As confissões eram preparadas pelo questionário do "Texto" (da "Cecília"). Ai, ai, ai, aquelas perguntinhas do Padre... só terminando com as "penitências" de oração a rezar vezes tantas. Sabia-se que os mais idosos confessavam-se em alemão. Só bem mais tarde vim a saber que a alma dele era da Polônia e o coração, do Brasil.

Após o terceiro sinal do sino, todos deviam entrar na igreja. Quem se deixasse ficar por fora, fumando ou namorando... podia ser surpreendido pelo

Padre Roberto, já vestido de alva, com enérgico convite para entrar... Respeito máximo exigia-se durante a Missa. Empurrões ou palavrinhas, nem pensar... Sempre que o Padre se virava para o povo (ao *Dominus vobiscum*), em penetrante relance ele conferia a piedade dos adultos, dos jovens e dos anjinhos... Hora de Comunhão (com o Coro cantando) era um campeonato de seriedade, nas filas, nas genuflexões coletivas, no pôr as mãos por debaixo das rendas do Banco da Comunhão, que separava a nave do altar.

Quando faltava espaço nos bancos da frente (simples genuflexórios), a criançada se arranjava ao

redor do altar, ajoelhada ou sentada no chão, atenta a todos os gestos e latins do Padre - com licença nunca contestada de dali ficar olhando a igreja toda, os cantores do Coro lá em cima ou alguma andorinha intrometida sempre capaz de "bombardeios" - espetáculo especialmente freqüente na matriz da São Pedro, onde o sermão vinha lá do alto do púlpito, pelo "alto-falante" exclusivo da boca e dos olhares panorâmicos do Vigário.

Cá e lá os coroinhas eram brindados com gorjetas de moedas, quase sempre e logo trocadas por balas ou, em São

*"O sermão vinha lá
do alto do púlpito,
pelo 'alto-falante'
exclusivo da boca
e dos olhares
panorâmicos do
Vigário"*